

SÓ QUERO O QUE TE DEI
SEMPRE QUE FOI POSSÍVEL.



Ham-net

Ham-net

Grupo de Estudos da Matéria Cênica¹

1. O Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos em Matéria Cênica (CNPq), sediado no Instituto de Artes da Unesp, foi fundado em 2017, e é coordenado pelos Prof. Dr. Vinícius Torres Machado e Profa. Dra. Carminda Mendes André. O Prof. Dr. Vinícius Torres Machado tem capitaneado as ações de pesquisa e criação do grupo, das quais fazem parte ativa, entre outros membros, Camila Cortellini Ferreira, Glauce Priscila Ribeiro de Carvalho, Glaucia Marina Alves Pedroso, João Pedro Ferreira dos Santos Ribeiro, Leonardo Birche de Carvalho, Luís Fernando Viti de Freitas, Nádia Rodrigues de Oliveira, Pedro Augusto Pina Furtado, Péricles Aurélio Guimarães Raggio, Sofia Botelho de Almeida e Victor Silva Nóvoa.

Resumo |

A presente escrita, de autoria do Grupo de Estudos da Matéria Cênica, tem por objetivo levantar questões acerca do teatro virtual e suas implicações. Em tempos de pandemia e quarentena, quando o isolamento social se faz necessário e estão proibidas as grandes aglomerações, aderir às manifestações cênicas online talvez seja a única alternativa. Mas se o teatro é a arte da presença, é possível que o realizemos por intermédio da tela? É possível pensarmos em uma presença virtual? Como isto impacta na cadeia de produção artística? Sem o intuito de responder a tais perguntas, mas a fim de pontuá-las, recorreremos à estrutura dramaturgica de *Hamlet*, de William Shakespeare. Na obra originária, o Príncipe da Dinamarca, na tentativa de vingar a morte do pai pelo tio, imbrica-se em uma trama interna de questionamentos. Em *Ham-Net*, por sua vez, ele deve lidar com a suposta morte do teatro. Trata-se de uma brincadeira, de um jogo de cena, de um exercício dramaturgico a fim de elaborar questões concernentes ao nosso tempo.

Palavras-chave: Teatro. Teatro contemporâneo. Teatro virtual. Teatro online. Transmissão ao vivo.

Abstract |

This writing, authored by the Study Group on Scenic Matters, aims to raise questions about virtual theater and its implications. In times of pandemic and quarantine, when social isolation is necessary and large agglomerations are prohibited, adhering to scenic demonstrations online may be the only alternative. But is this really theater? If theater is the art of presence, is it possible that we do it through the screen? Is it possible to think on a virtual presence? How does this impact the artistic production chain? Without the intention of answering such questions, but in order to score them, we resort to the dramaturgical structure of *Hamlet*, by William Shakespeare. In the original work, the Prince of Denmark, in an attempt to avenge his father's death by his uncle, immerses himself in an internal plot of questions. In Ham-Net, in turn, he must deal with the alleged death of the Western Theater. It is a play, a scene game, a dramaturgical exercise in order to elaborate questions concerning our time.

Keywords: Theater. Contemporary Theater. Virtual Theater. Online Theater. Live transmission.

ATO I

VOZ EM OFF – A peste estende sua sombra sobre os reinos. *(Iluminado apenas pela luz do celular ou computador, está Hamlet)* Hamlet, devidamente isolado e, também solitário, perdido em seus pensamentos acerca dos vivos e dos mortos, vê surgir o Fantasma do Teatro Ocidental em uma tela luminosa. Chove. A internet está fraca. A conexão oscila. Cai! *(Luz geral se acende)*

HAMLET *(Sacando da espada e falando cortado)* – Anjos e arautos dos deuses, defendam-me! *(Para o espectro retangular à sua frente)* Sejas tu um espírito sagrado ou um duende maléfico! Circundado de Auras celestiais ou de chamas do inferno! Tenhas intenções bondosas ou perversas! Tu, que te apresentas de forma tão estranha, tão nova e arrepiante, atenta ao que eu vou te falar: Tu és o espírito do teatro?

(Silêncio)

HAMLET – Oh, Palas Atena inspira-me o sangue frio e não deixes que eu exploda em ignorância! *(Para o espectro sem forma)* Diz-me: Tu és o Teatro do Ocidente? *(Pausa)* Por que teus ossos, tuas colunas, devidamente consagrados, enterrados com as devidas cerimônias, romperam a mortalha? Por que o sepulcro onde te encerramos tão tranquilamente, quando fechamos as cortinas no dia 13 de março de 2020, abriu as suas pesadas mandíbulas de mármore, a sua boca de cena para te jogar, outra vez, neste mundo?

(Silêncio)

HAMLET – Vai, responde-me! O que quiserás dizer, cadáver morto, tu, assim... Oh, prodígios de forças sinistras e inexplicáveis, de novo em ar-

madura completa moldada pelo público, atrizes e atores ansiosos por aquecimentos e terceiros sinais! Ao chegar a horas tais, o que tu queres dizer para nos questionar? Vir assim nos visitar aos fulgores da lua, tornando sinistra a noite luminosa. A noite em que nos aglomerávamos à luz falsa da ribalta. Enquanto nós, joguetes da natureza, sentimos o pavor penetrar nosso ser. Por que surgem pensamentos muito além dos limites que alcançamos? Dize por quê tantos questionamentos sem fim? Com que fim? O que devemos fazer? Devemos pensar um fim? Sabemos que o Teatro retornará.

(Luzes se abaixam, surge atrás de Hamlet a Projeção de Hamlet. Hamlet se projeta e se comunica consigo mesmo em rede.)

A PROJEÇÃO DE HAMLET – Mas, enquanto vivemos neste intervalo, com um corpo agonizando num teatro vazio, o virtual torna-se o caminho imaginável para uma possível vida com teatro.

(O vídeo trava. Frames da Projeção de Hamlet, que continua falando. O vídeo volta, a Projeção de Hamlet zomba de Hamlet)

A PROJEÇÃO DE HAMLET – Tens um corpo? Ou és um fantasma? Digas-me como faço para abordar meus sentidos no que há de virtual? O teatro sem corpo? O corpo se refaz em redes?

O FANTASMA DO TEATRO– Claro que sim! Ou achas que presença virtual não é presença? Em que mundo vives tu, Hamlet?

HAMLET – Não sei mais! Mas... esse teu corpo, ou melhor, esta tua imagem, é livre? Responde! Vai, objeto animado, responde você que sendo um tem tantas almas emprestadas em seu corpo. Responde, fantasma! Responde!

O FANTASMA VIVO – Sou livre em mil conexões, a depender de minha conexão. Sou como tu, livre, imaterial, preso à matéria. Preso às conexões.

HAMLET – Surgirão novos afetos desse contato? Transpiras? Piras? O teatro vivo retornará. (*À parte*) Quando? (*Alto*) O coletivo retornará.

A PROJEÇÃO DE HAMLET – Será?

HAMLET – Nem sabemos como será o futuro do teatro, só sabemos que ele não deixará de existir!? E, como artistas desse tempo, estaremos lá, abrindo passagem para a força vital do encontro cênico...? Pensemos em todas as pestes pelas quais o teatro passou...

A PROJEÇÃO DE HAMLET – Mas e se essa peste modificar nossos modos de conviver?

HAMLET – A força vital do teatro é o convívio e assim continuará sendo, se nesse tempo há um recuo obrigatório, um isolamento necessário, e daqui para frente passaremos a ter mais isolamentos sociais (me parece que sim), iremos atuar nas brechas, nos entretempos, nas fissuras... E, talvez, reinventaremos formas de estarmos juntos. Como agora, em que ambos não existimos, mas convivemos.

A PROJEÇÃO DE HAMLET – E quando é que foi diferente para o teatro?

HAMLET – Talvez o teatro seja uma invenção humana com pretexto discursivo apenas para estarmos prazerosamente juntos. Como uma roda em volta da fogueira, sua tela e sua luz... E meu corpo em rede é meu novo convívio. E tu, que não me respondes? Talvez tela inanimada, talvez espelho.

(Pausa. Cai a conexão.)

A PROJEÇÃO DE HAMLET – Hamlet?

HAMLET – Caí! Voltei! Tá me ouvindo? Responde-me, oh, fantasma: Quem tem acesso à internet? Quem está fora da rede está fora da vida? Mas esta vida sem internet é social nesse momento? Pessoas sem acesso à internet estão excluídas da arte, da vida? Oh, éditos, editais emergenciais!

A PROJEÇÃO DE HAMLET – Não tô ouvindo.

HAMLET – Posso continuar? Tá aí? *(Recompõe-se, continua)* Bem... Continuando: a internet é real, é um refúgio do real?

A PROJEÇÃO DE HAMLET – A sua internet tá péssima, Hamlet!

HAMLET – Responde-me. Oh, tu que deixou a vida! Ou se és vivo ainda!? Vida alternativa, ou paralela. És lisérgico, oh, ser incorpóreo? Haverá outra forma de organização poética que ofereça uma resistência ao virtual, ao emergencial, ao momento atual? Lançar cartas ao vento, do décimo segundo andar, onde me encontro em quarentena? O teatro foi o último bastião de resistência ao virtual e agora aqui estamos nós, eu e tu. Ambos capitulados e ainda vivos.

A PROJEÇÃO DE HAMLET – O que faz do teatro uma experiência única? *(À parte)* E por que sempre queremos ser tão únicos e tão especiais? *(Alto)* A experiência no teatro não é um meio, mas o próprio conteúdo? Qual tipo de experiência virtual é possível? “Nevermore” gralha a ave do apocalipse de ultramar!

A VOZ DO GOOGLE – “Nevermore”. Tradução: cai a conexão.

O FANTASMA DO TEATRO– Pare de fazer perguntas, Hamlet! Vai, reage!
Entra na vida! Faz alguma coisa, faz uma live! Cadê a ação?!!

HAMLET – Ora, ora... O espectro se manifesta, ainda que se limite a repetir uma pergunta retórica...

O FANTASMA DO TEATRO– Não se trata de uma mera pergunta retórica, príncipe da Dinamarca.

(O Fantasma do Teatro do Ocidente ganha a forma de duas máscaras teatrais gregas, a trágica e a cômica, que flutuam em frente a Hamlet. Logo, ambas se unem, pela parte de trás, formando uma única máscara que gira lentamente em seu próprio eixo. Esses movimentos e muitos outros, não se movem, em uma tela parada.)

O FANTASMA DO TEATRO DO OCIDENTE – Se eu girasse a uma velocidade muito maior, tu não saberias mais diferenciar quem sou em riso ou tragédia. E foi o que vós fizestes! Vós colocastes no centro da cena a vossa própria concepção do infinito. Eu sou infinito. E vós sobre mim, sobre minhas cortinas ou minha tela colocam a angústia sem fim de seres humanos mais e mais subjetivos e distanciados entre si?

(O Fantasma do Teatro do Ocidente aparece em outro local)

O FANTASMA – Outrora, fui encontro e celebração da coragem de heróis e heroínas em luta contra as forças do destino. Eu fui palco para o riso, dada a constatação do patético de falas e atitudes inegavelmente humanas.

(O Fantasma do Teatro do Ocidente aparece em outro local)

O FANTASMA DO TEATRO– Hamlet, tu levaste a cena para o interior dos homens e mulheres. E para todas as perguntas que me fizeste, eu apenas vi cenas e cenas, e cenas e cenas, e infinitos multiplicados. Sou o mesmo, suas alegrias e seus medos são os mesmos.

(A tela sai girando, sem sair do lugar.)

ATO II

HAMLET – Oh, se esta arte sólida, não se desfizesse, di-fundindo-se em virtual! Ou se ao menos o vírus não a houvesse condenado ao desvio! Oh, Deus! Oh, Deusa! Ai de mim! Hélas! Como se afiguram fastidiosas, fúteis e vãs as coisas deste mundo! *(À parte)* Sempre o mesmo repetido movimento nesta quarentena: sala, cozinha e banheiro, corredor, cozinha, sala e banheiro... *(Voltando)* Horror! Minha morada, palco inculto em que só medram pecinhas, cheia apenas das coisas mais rudes e grosseiras. E você, fantasma de meu lar, retrato de minha vida... Morto há dois meses! Não, nem tanto... Dois? Um retrato em teatro que, confrontado com este virtual, a vida, era antes uma ilusão. Tão vívido para o público, que a própria chama tratava de abastecer e gerar. Oh, céus! Recordá-lo-ei? E um mês depois... Inconstância... Só um mês, sem ter silenciado ainda os aplausos da última encenação. Nenhuma lágrima. Oh, céus! Nenhum apoio para sustentar nosso corpo neste momento. Um animal destituído da faculdade da palavra, por certo que choraria por mais tempo! Nenhum governo. Hoje, virtualidade sem sinestesia, sem presença, mas que herda dele o nome, tal como um filho do pai. Num mês, antes que o sal das lágrimas tão falsas secasse dos olhos tumefeitos, já estás aqui dessa forma, fria e distante, tentando se fazer igual... Oh, público! Oh, cena! Pressa iníqua de ser vanguarda! Ou vontade de viver? Oh dura necessidade da vida e do sobreviver! Não pode acabar... Mas despedaça-te, oh coração.

A PROJEÇÃO DE HAMLET – Não, ainda não... Tantas lives povoando as mídias sociais; elas são vivas? Alives? E seus silêncios, do que são feitos? *(Pausa dramática)* O silêncio é possível numa transmissão teatral? Como diferenciá-lo da internet que caiu ou travou? Como compartilhar da mesma paisagem sonora se estaremos em espaços distintos? E seu público formando? Ou deformando? Tornaste-te tu um substituto para o tédio do isolamento? Ai de mim! Ai de mim! OOOOOOOOOOOOOOOOH!

(Hamlet tem um acesso de tosse!)

ATO III

(Aquecimentos. Rodas. Concentração. Cenas, muitas cenas, algumas ações em teatro, a trupe que chega e se abraça, atores e atrizes discutem um tema incessantemente, representações e vida. O contrarregra acende tochas, arruma as roupas dos atores e das atrizes. A Diretora M. está tensa, muito tensa. A plateia grita: "Comecem!". Testes, máquina de fumaça, iluminadora, som, caixas de som, afinação, mais ações se acumulam, improvisações, camarim, "gestus" surgem, eu, você, nós nos vemos, nos tocamos, mais ações, personagens, teatro. Cenas, muitas cenas. O dramaturgo sai. A produtora entra. Todos fumam. Montagem de cenário. Preparação de adereços. Primeiro sinal, segundo sinal, terceiro sinal. Atores e atrizes choram. Produtora e Diretora choram. Iluminadora e Contrarregra choram. Assistente de palco e diretor na coxia. Cochilos, muitos cochilos. Preparar para entrar em cena: rodam, cantando, ciranda. Morcego sobrevoa palco e plateia. Uma criança chora. Play! A Diretora M. tomba.)

ATO IV

(Em um campo santo, um coveiro e uma coveira.)

O COVEIRO – Sem teatro, sem condições técnicas para o online, me vejo hoje aqui, enterrando mortos e mortas. Como sempre, sem condições... Mas não era isso que eu fazia? Enterrar, após uma apresentação, os personagens? Ou melhor, eu os guardava num baú, para ressuscitá-los pouco tempo depois.

A COVEIRA – Em vez de falar, que tal cavar para os mortos e as mortas?

O COVEIRO – Certo. *(Cavando)* Eu sei que você também sofreu pelo fim. Me solidarizo. Técnicos e técnicas da luz são necessários para que saiamos das trevas. Técnicos e técnicas de som são necessários para que nos façamos ouvir.

A COVEIRA – Luz e som eram feitos a um só tempo para baratear a produção. E hoje? Tudo é feito nas casas, não precisam de tantos aparatos técnicos. Aliás, nem de mim, nem de você. Sem a matéria da vida; sem o técnico e a técnica... Só um zoom em direção ao infinito?

O COVEIRO – Você viu que ali está enterrada a Diretora M.?

A COVEIRA – Não. Vítima da peste, do teatro ou da fome? *(Pausa)* Não acredito! Era defensora dos técnicos e das técnicas.

O COVEIRO – Da Técnica!

A COVEIRA – Sempre dizia: Não são os técnicos e as técnicas os guardiões e as guardiãs da Técnica? Do teatro?

O COVEIRO – Pelo menos não estamos tendo que lidar com o espaço: “Aqui, vai uma cadeira de rodas pendurada! Eu preciso de 5 focos ali, aqui, aqui, aqui, e ali!”. Pois é... Aqui e ali não mais existem. É tudo um só.

A COVEIRA – Aham!

O COVEIRO – Você tem notícias dos técnicos e das técnicas de teatro?

A COVEIRA – A máquina computador roubou a máquina de fumaça. O técnico e a técnica... Os que mantêm a matéria do teatro. E daí?

(Hamlet entra usando uma máscara cirúrgica)

HAMLET – *(Pergunta ao coveiro)* Por favor, onde está enterrada a diretora M.?

O COVEIRO – Ali, meu senhor. Três covas à frente.

HAMLET – *(Dirigindo-se à sepultura, ajoelha-se, pega o celular, começa a gravar e chora)* Carne tão fraca, que nos leva para os domínios de Hades...

A COVEIRA – Não, senhor. Ali, meu senhor. Uma cova mais à frente.

HAMLET – *(Levanta-se. Mais uma vez, ajoelha-se, tira a máscara, direciona a câmera para si e chora)* Oh, carne tão fraca! Nossa fragilidade nos leva para os domínios de Hades... Nunca me esquecerei de tuas encenações, minha caríssima Diretora M... Quantas experiências teus espetáculos me proporcionaram. Você não dimensiona a diferença que sinto ao assistir uma apresentação intermediada pelo olhar eletrônico de uma máquina. Imagina como seja para um ator e para uma atriz, quando não sentem a presença de um olhar humano, da respiração de uma plateia ali, junto

deles. Que falta tu fazes, para apontar algumas respostas... O que cabe e o que não cabe neste novo teatro, minha caríssima Diretora M.? Cabe ao menos um cigarro neste último ato? Ou um chapéu coco? Um guarda-chuva? Mas talvez isso seja exigir demais de você, afinal, (olhando para a câmera do celular) como obter respostas se ainda estamos tentando entender as perguntas?

Eis aqui tantas questões.

(Chovem likes no palco live. Caem na cabeça de Hamlet, que abre seu guarda-chuva.)

EPÍLOGO

(As cortinas se abrem.

Vemos uma atriz.

Ela faz um passe de mágica impressionante.

É corpo!

E sai dançando divertidamente.)

Este texto foi escrito coletivamente pelo seguintes componentes do Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos em Matéria Cênica:

Camila Cortellini Ferreira

Graduanda no IA-Unesp, São Paulo, SP, Brasil; End.: Eugênio Bettarello, 55, ap. 12, bloco, C – Vila Progredior – CEP 05616-090 - São Paulo, SP, Brasil; E-mail: camila.cortellini@unesp.br

Glauce Priscila Ribeiro de Carvalho

Graduanda na UNIVAP; End.: Carvalho de Araújo, 87 ap. 42 – Vila Maria – CEP 12209-390 – São José dos Campos, São Paulo, Brasil; E-mail: glaucepriscila@hotmail.com. Desenvolve pesquisa independente sobre teatro japonês.

Glaucia Marina Alves Pedroso

Graduanda no IA-Unesp, São Paulo, SP, Brasil; End.: Tapendi, 56 – Vila Catupia – CEP 02933-080 – São Paulo, SP, Brasil; E-mail: glaucia.pedroso@unesp.br. Realizou IC com bolsa pela CNPq sobre dramaturgia de cena.

João Pedro Ferreira dos Santos Ribeiro

Mestrando no PPGA- IA-Unesp, São Paulo, SP, Brasil; End.: Baronesa de Itu, 88, ap, 103 – Santa Cecília – CEP 01231-000 – São Paulo, SP, Brasil; E-mail: jp.fsribeiro@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6894-7450>

Leonardo Birche de Carvalho

Mestrando em Educação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Pós-graduado em Direção Teatral e em Interpretação pela Escola Superior de Artes Célia Helena. Bacharel em Comunicação Social pela ESPM-SP. Ator formado pelo Teatro-escola Célia Helena; End.: Olímpia de Almeida Prado, 27, ap. 1717 – Barra Funda – CEP 01151-010 –

São Paulo, SP, Brasil; E-mail: birche.leo@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5158-4171>

Luís Fernando Viti de Freitas

Bacharel, mestre e doutor em Filosofia pela FFLCH-USP, São Paulo, SP, Brasil; End.: R. das Fiandeiras, 170, ap. 133 – Vila Olímpia – CEP 04545-000, São Paulo, Capital, Brasil; E-mail: fernandoviti@gmail.com.

Nádia Rodrigues de Oliveira

Graduanda em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da UNESP, São Paulo. Realiza IC sobre o teatro alquímico de Artaud; End.: rua Panamá, 131, ap.32, torre 1 – Casa Branca – CEP 09015-680 – Santo André, SP, Brasil; E-mail: nadia.rodrigues@unesp.br.

Pedro Augusto Pina Furtado

Graduando em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da UNESP. Realiza IC em arte-educação; End.: rua Padre Antonio Tomás, 114, ap. 03 – Água Branca – CEP 05003-010 – São Paulo, SP, Brasil; pefurtado6@gmail.com.

Péricles Aurélio Guimarães Raggio

Bacharel em Artes Cênicas pela Unicamp. Bacharel em comunicação social pela Unimep. Pós-graduado lato sensu com especialização em A arte de contar histórias pela Facon. Fundador do grupo Teatro Por Um Triz; End.: rua Caiowáa, 1053, ap. 305, Perdizes, CEP 05018-001 - São Paulo, SP, Brasil; E-mail: raggiopericles@gmail.com.

Sofia Botelho de Almeida

Mestranda em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Bacharel em Artes Cênicas pela ECA-USP. Atriz formada pelo Centro de Artes Célia Helena e pela Escola Livre de Teatro de Santo André. Artista-criadora do coletivo teatral 28 Patas Furiosas. Professora de interpreta-

ção teatral no Centro de Artes Célia Helena. End.: Barão do Bananal, 786 – Pompeia – CEP 05024-010 - São Paulo, SP, Brasil; E-mail: sofiabalmeida@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-8723-7390

Victor Silva Nóvoa

Mestrando em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Bacharel em Artes Cênicas pela ECA-USP. Dramaturgo do coletivo A Digna. Coordenador de Artes Cênicas da Universidade Nove de julho. End.: Av. Alfonso Bovero, 1087, ap. 03 – Pompeia – CEP 05019-011 – São Paulo, SP, Brasil; E-mail: victornovoa39@hotmail.com.

Vinícius Torres Machado

Doutor em Artes Cênicas pela ECA-USP. Realizou o estágio supervisionado (doutoramento) na Ghent University, Faculty of Arts and Philosophy. Docente do Instituto de Artes da Unesp. End.: Al. Barros, 101, ap. 1204 – Santa Cecília – CEP 01232-001 – São Paulo, SP, Brasil – vinicius.t.machado@unesp.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9840-8789>.

Submetido em: 25/05/2020
Aceito em: 10/06/2020